

# DIAGNÓSTICO DAS HIPÓTESES DE ESCRITA E SUA IMPLICAÇÃO NO PLANEJAMENTO DOCENTE: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Nathália Maria Peixoto S. Abrêu<sup>1</sup>  
Thallys de Oliveira Rodrigues<sup>2</sup>

## RESUMO

O diagnóstico das hipóteses de escrita, fundamentado nos estudos psicogenéticos de Ferreiro e Teberosky, é uma ferramenta essencial para compreender o processo de aquisição da escrita. Sua efetiva aplicação no planejamento docente ainda enfrenta desafios, especialmente na articulação entre avaliação, intervenção pedagógica e práticas de letramento. Diante disso, este estudo tem como objetivo analisar a influência do diagnóstico das hipóteses de escrita no planejamento docente e nas práticas cotidianas de alfabetização, identificando desafios e impactos na ação pedagógica. Para tanto, adota-se uma abordagem qualitativa por meio de pesquisa bibliográfica, fundamentada em referenciais teóricos da psicogênese da língua escrita e do letramento, além de documentos normativos como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), da Política Nacional de Alfabetização (PNA) e do Compromisso Nacional Criança Alfabetizada (CNCA). A investigação se desenvolve a partir da análise de artigos científicos, dissertações e teses disponíveis nas plataformas digitais, como google acadêmico e a biblioteca digital brasileira de teses e dissertações (BDTD), buscando compreender de que forma essa prática contribui para a melhoria do ensino e aprendizagem da escrita. Os resultados revelam que, mesmo sendo reconhecida como essencial para a compreensão do nível de desenvolvimento da criança, sua aplicação se restringe frequentemente a protocolos sem reflexão pedagógica aprofundada, apenas como uma obrigação. Sendo assim, quando sistematizada, direciona intervenções que contribuirão nos agrupamentos por níveis de escrita e sequências didáticas adaptadas, o que se articula eficazmente com os eixos da BNCC, promovendo avanços significativos na aprendizagem. Dessa forma, evidenciamos que as turmas em que o diagnóstico é integrado ao planejamento demonstram maior progressão nas hipóteses de escrita e engajamento em atividades de letramento. Conclui-se que a diagnose, embora potente para redirecionar práticas alfabetizadoras, demanda formação docente continuada, práticas inovadoras que estimulem não apenas o que fazer, mas o como fazer, além de tempo institucional dedicado à análise e ao (re)planejamento.

**Palavras-chave:** Hipóteses de escrita; planejamento docente; alfabetização e letramento.

## INTRODUÇÃO

A aquisição da escrita é um processo complexo que transcende a mera decodificação, constituindo-se como a aprendizagem de um sistema de representação (SOARES, 2020). Fundamentando-se nessa compreensão, os estudos psicogenéticos de

---

<sup>1</sup> Bacharel em Ciências Biológicas na Universidade Federal Rural de Pernambuco e graduanda do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Maurício de Nassau – PE, nathallia\_peixoto@hotmail.com;

<sup>2</sup> Professor orientador: Especialista em Psicopedagogia, mestrando em Ciências da Linguagem (UNICAP), Professor do curso de Pedagogia no Centro Universitário Maurício de Nassau e da Educação Básica na prefeitura de Abreu e Lima - PE, prof.thallysorodrigues@gmail.com.

Ferreiro e Teberosky (1999) revolucionaram o campo ao demonstrar que a criança percorre um caminho construtivo de hipóteses sobre a escrita – da hipótese pré-silábica à alfabética. Essa trajetória não é linear, mas marcada por conflitos cognitivos que impulsionam o avanço (DUTRA, 2020), cabendo ao professor o papel de mediador que diagnostica esses níveis conceituais para planejar intervenções eficazes.

Surge, então, um problema central: como os professores realizam (ou deixam de realizar) a diagnose? Sua aplicação impacta de fato o planejamento ou se tornou um protocolo burocrático? A relevância desta investigação reside precisamente em seu potencial de esclarecer e impactar um dos pontos centrais para a qualidade da alfabetização: a transição entre o diagnóstico e a prática. Justifica-se, portanto, pela necessidade urgente de superar a distância entre o que se sabe teoricamente e o que se executa pedagogicamente. Compreender em profundidade os entraves e as possibilidades dessa articulação é condição primordial para gerar conhecimento que oriente a formação continuada de professores de maneira mais efetiva e subsidie a elaboração de políticas públicas educacionais verdadeiramente assertivas.

Diante desse cenário, este artigo tem como objetivo analisar a influência do diagnóstico das hipóteses de escrita no planejamento docente e nas práticas cotidianas de alfabetização. Para operacionalizar esta análise, definem-se os seguintes objetivos específicos: identificar desafios e impactos na ação pedagógica.

Os resultados da investigação revelam um cenário multifacetado. Identificou-se que a efetiva aplicação do diagnóstico esbarra em desafios como formação docente insuficiente, burocratização da prática e um contexto de políticas públicas instáveis. Em contrapartida, evidenciou-se que, quando sistematizado e integrado ao planejamento, o diagnóstico orienta a formação de agrupamentos produtivos, a elaboração de sequências didáticas diferenciadas e a promoção de atividades de letramento significativas, resultando em progressões concretas nas hipóteses de escrita.

Conclui-se que o diagnóstico das hipóteses de escrita configura-se como alicerce indispensável para uma prática alfabetizadora de qualidade. Sua potencialização, contudo, é condicionada por fatores que transcendem a esfera individual do professor, demandando investimento em formação continuada, tempo institucional para análise e planejamento, e a construção de políticas educacionais estáveis e alinhadas aos princípios da psicogênese da língua escrita.



## METODOLOGIA

Para atingir os objetivos propostos, este estudo adota uma abordagem qualitativa, uma vez que se concentra na "compreensão e interpretação" de fenômenos sociais, os processos complexos inerentes à prática docente (GODOY, 1995). Quanto aos procedimentos técnicos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica. A opção por este método deve-se à sua capacidade de proporcionar um amplo levantamento de informações e de organizar dados originalmente dispersos em diversas fontes, o que, conforme sustentado por Gil (2002), contribui significativamente para a elaboração e o aprimoramento do quadro conceitual que fundamenta o objeto de investigação. Dessa forma, ele é o mais adequado para mapear, sintetizar e analisar o conhecimento já produzido sobre a diagnose das hipóteses de escrita e seu impacto no planejamento docente.

Para tanto, foram consultados artigos científicos, dissertações e teses disponíveis em bases digitais de acesso público, como Google Acadêmico, SciELO e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), utilizando-se os descritores "hipóteses de escrita", "diagnóstico em alfabetização" e "planejamento docente", combinados por meio dos operadores booleanos AND e OR. Os critérios de inclusão adotados envolveram trabalhos publicados entre 2015 e 2025, que abordassem especificamente: o diagnóstico das hipóteses de escrita; sua relação com o planejamento docente; e práticas de alfabetização e letramento. Foram excluídos trabalhos duplicados ou que não apresentassem relação direta com o objeto da pesquisa. O *corpus* de análise foi complementado por documentos normativos oficiais, a exemplo da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), da Política Nacional de Alfabetização (PNA) e do Compromisso Nacional Criança Alfabetizada (CNCA), e, de modo fundamental, pelas obras de referência fundantes do campo teórico em questão, com destaque para Psicogênese da língua escrita, de Ferreiro e Teberosky (1999), e Alfaetrar, de Magda Soares (2020), as quais forneceram o arcabouço conceitual central para esta análise.

Para a análise do material selecionado, foi empregada a técnica de Análise de Conteúdo temática, conforme proposto por Bardin (2016), a qual perpassa as etapas de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Os dados foram organizados e interpretados com base em categorias preestabelecidas, alinhadas aos objetivos específicos do estudo:



- 1. Desafios na implementação do diagnóstico:** abarcando os obstáculos relatados na literatura, como falta de formação, tempo insuficiente e a burocratização do processo.
- 2. Estratégias e impactos no planejamento docente:** focando nas intervenções pedagógicas derivadas do diagnóstico e seus efeitos na organização do trabalho do professor.
- 3. Articulação com práticas de letramento:** analisando como o diagnóstico informa e qualifica as atividades de leitura e produção de texto em contextos reais de uso.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão do processo de aquisição da escrita passou por significativas transformações paradigmáticas ao longo das últimas décadas. Se, historicamente, predominavam abordagens que reduziam a alfabetização à mera transmissão de um código, a partir da década de 1980 consolidou-se uma visão que reconhece a criança como sujeito ativo na construção do conhecimento. Essa mudança de perspectiva deve-se, em grande medida, aos estudos psicogenéticos de Ferreiro e Teberosky (1999), que demonstraram como as crianças elaboram hipóteses próprias sobre o sistema de escrita, percorrendo níveis conceituais previsíveis em sua trajetória de aprendizagem.

Segundo Ferreiro e Teberosky (1999), a criança avança por níveis conceituais bem definidos, elaborando hipóteses específicas sobre a escrita. Inicialmente, na hipótese pré-silábica, não estabelece relação estável entre a fala e a escrita, utilizando-se de grafias indiferenciadas, como garatujas ou letras aleatórias. Ao perceber que escrever representa a fala, elabora a hipótese silábica, atribuindo uma letra (ou símbolo) para cada sílaba, sem valor sonoro convencional necessariamente (ex: AIU para "cachorro"). O conflito entre a quantidade de letras e a quantidade de sílabas na oralidade a leva à hipótese silábico-alfabética, um período de transição em que algumas sílabas são representadas por uma letra e outras já começam a ser analisadas com seu valor sonoro e são representadas por duas letras. Por fim, a hipótese alfabética é consolidada quando a criança compreende o princípio alfabético do sistema, representando graficamente todos os fonemas das palavras, ainda que possa oscilar em relação às convenções ortográficas.

A contribuição de Ferreiro e Teberosky não se limitou a descrever os estágios de desenvolvimento, mas inaugurou uma nova forma de compreender a avaliação em alfabetização. Ao mapearem a evolução dessas hipóteses, forneceram aos educadores



um "mapa conceitual" preciso, mesmo sem apresentar uma fórmula pronta ou um método específico. O diagnóstico das hipóteses de escrita emergiu como ferramenta fundamental para desvendar a lógica subjacente às produções infantis, transformando-se de instrumento de classificação em recurso de compreensão do processo de pensamento do aprendiz. Nesse modelo, a aprendizagem é impulsionada por conflitos cognitivos, tensões entre as ideias prévias da criança e as novas informações (DUTRA, 2020), cabendo ao professor criar condições para que esses conflitos ocorram e intervir de modo planejado.

A trajetória teórica do diagnóstico não se encerra na psicogênese. Contemporaneamente, os estudos sobre letramento, particularmente as contribuições de Magda Soares (2020), tensionaram e ampliaram essa discussão ao defenderem a indissociabilidade entre alfabetização e letramento. Esta perspectiva integradora exigiu que o diagnóstico das hipóteses de escrita fosse repensado, deixando de ser uma ferramenta isolada para se tornar parte de uma avaliação mais ampla que considera também os usos sociais da linguagem. Surge assim a necessidade de estratégias que articulem a compreensão do sistema de escrita com práticas significativas de leitura e produção textual, onde o diagnóstico orienta o planejamento de atividades contextualizadas.

No cenário educacional brasileiro recente, essa trajetória teórica interfaceia com um arcabouço específico de políticas públicas. Documentos como a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018), a Política Nacional de Alfabetização - PNA (BRASIL, 2019) e o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada - CNCA (BRASIL, 2023) corporificam distintas concepções sobre o ensino e a avaliação. A BNCC, ao estruturar-se por direitos de aprendizagem e campos de atuação, cria um ambiente propício para a diagnose processual e qualitativa. Em contrapartida, a PNA, ancorada na ciência cognitiva da leitura, prioriza a instrução sistemática do princípio alfabético e a avaliação de habilidades específicas de decodificação. Esta coexistência de orientações, com focos e ênfases distintos, configura um campo de tensão paradigmática no qual a prática docente precisa se situar.

O percurso teórico aqui delineado orienta a linha de raciocínio adotada neste artigo. Partimos do pressuposto de que o diagnóstico das hipóteses de escrita, fundamentado na psicogênese e articulado com os pressupostos do letramento, mantém-se como ferramenta essencial para um planejamento docente verdadeiramente eficaz. Esta posição teórica fundamenta nossa investigação sobre os desafios e possibilidades de



implementação dessa ferramenta no cenário atual das políticas educacionais e das práticas pedagógicas contemporâneas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção apresenta e discute os resultados da análise bibliográfica, organizando-os nas categorias preestabelecidas. O cenário revelado é diversificado: de um lado, persistem entraves à efetiva implementação do diagnóstico; de outro, emergem estratégias e impactos positivos quando há uma articulação consciente entre a avaliação das hipóteses de escrita, o planejamento e as práticas de letramento. A discussão sintetiza essas evidências, estabelecendo um diálogo entre os estudos revisados e o referencial teórico.

### 1. Desafios na implementação do diagnóstico

A análise da literatura revela um quadro complexo sobre o uso do diagnóstico das hipóteses de escrita, no qual emergem desafios estruturais e formativos que explicam a lacuna entre seu potencial teórico e a prática em sala de aula. A ilustrar esse ponto, o estudo de Marinho (2020), com uma amostra significativa de 64 professores, constatou que a maioria (64%) não dominava a teoria da Psicogênese da Língua Escrita. Essa lacuna teórica resulta na limitação do potencial pedagógico da ferramenta, frequentemente reduzida a uma prática classificatória. Como consequência direta dessa formação insuficiente, Feier e Toledo (2016), ao analisar os resultados de mais de 1.300 alunos, constataram que as sondagens tendem a assumir caráter burocrático, sem efetiva utilização para orientar intervenções. Os autores observaram que os avanços significativos só ocorriam quando os resultados das sondagens efetivamente serviam de base para intervenções planejadas, destacando a diferença crucial entre coletar dados e utilizá-los pedagogicamente. O problema se aprofunda no contexto macro das políticas educacionais. Uma análise dos documentos normativos revela tensões significativas na interface com o diagnóstico. Faria e Ribeiro (2024) oferecem uma análise crítica ao evidenciarem que, apesar do consenso teórico, as práticas permanecem fragmentadas, tensionadas por políticas instáveis e disputas metodológicas. Essa instabilidade fica evidente na transição entre políticas nacionais. O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), instituído em 2012 e executado até 2018, enfatizava a articulação entre alfabetização e letramento com base em perspectivas construtivistas, alinhando-se



naturalmente à diagnose das hipóteses de escrita (FERREIRA; IVO; HYPOLITO, 2022). A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por sua vez, ao estabelecer direitos de aprendizagem, pressupõe um professor que diagnostica o nível da turma, porém sem detalhar a operacionalização do diagnóstico das hipóteses (BRASIL, 2018). Uma guinada significativa ocorreu com a Política Nacional de Alfabetização (PNA) em 2019. Orientada pela 'ciência cognitiva da leitura', a PNA prioriza a instrução fônica sistemática e avaliações padronizadas, focando na decodificação como habilidade fundamental (BRASIL, 2019). Esta mudança de foco, quando interpretada de forma restritiva, marginaliza a diagnose psicogenética, pois esta pode ser vista como não essencial ou até conflitante com os protocolos de ensino do código. O Compromisso Nacional Criança Alfabetizada (CNCA), instituído em 2023, retoma experiências anteriores e dialoga com produções científicas, apresentando estratégias que, em tese, poderiam integrar as dimensões do letramento (BRAGAMONTE et al., 2024). Em síntese, a instabilidade de políticas com orientações divergentes gera um campo de tensão paradigmática. Essa ambiguidade institucional desorienta a prática docente e, concretamente, desincentiva a sistematização do diagnóstico das hipóteses de escrita. A consequência dessa triangulação de problemas – formação insuficiente, burocratização e políticas fragmentadas – reflete-se diretamente no trabalho docente. Nörnberg, Jäger e Souto (2019) identificaram que os planejamentos muitas vezes reproduzem materiais do antigo PNAIC com pouca autoria docente, demonstrando a dificuldade de traduzir o diagnóstico em ações pedagógicas efetivas e contextualizadas. Barros e Gonzaga (2020) acrescentam que muitos professores confundem diagnóstico com atividades mecânicas e priorizam a quantidade de tarefas em detrimento da qualidade da intervenção. Dessa forma, os estudos revisados convergem para uma conclusão incontornável: o diagnóstico, quando não amparado por formação sólida, tempo institucional para análise e políticas educacionais estáveis, tende a se tornar um ritual vazio. A ferramenta concebida por Ferreiro e Teberosky como um "mapa conceitual" para orientar o trabalho pedagógico termina por se transformar em mais uma exigência burocrática, distante da realidade complexa das salas de aula brasileiras.

## **2. Estratégias e impactos no planejamento docente**

Em contrapartida aos desafios, a literatura evidencia estratégias eficazes que transformam o diagnóstico em instrumento de planejamento e mediação. Alvarenga (2018) demonstra que o planejamento articulado às avaliações diagnósticas é condição



indispensável para sequências didáticas significativas e coerentes com o nível discente. Na mesma direção, Lourenço (2020) sustenta que, assim fundamentado, o planejamento transcende a burocracia para se tornar mediação pedagógica que potencializa a aprendizagem. As estratégias bem-sucedidas compartilham características comuns: intencionalidade, contextualização e respeito aos diferentes níveis de aprendizagem. Rocha Almeida (2024) identificou que textos literários, jogos de rima, escrita espontânea e agrupamentos produtivos, quando derivados do diagnóstico, favorecem significativamente o avanço das hipóteses. Os autores destacam a necessidade de um trabalho recorrente que valorize os diferentes níveis de apropriação da turma. No campo das estratégias, a pesquisa de Dutra (2024) sobre o Programa de Escrita Inventada (PEI) demonstra que esta prática não apenas fortalece a consciência fonológica, mas opera a ressignificação do erro preconizada pela teoria: o equívoco deixa de ser um desvio a ser corrigido e se torna a evidência mais clara das hipóteses em construção, orientando intervenções docentes precisas e individualizadas. Os impactos são concretos: Barros (2019), em estudo com turma do 1º ano, demonstrou que planejar a partir do que a criança já sabe resulta em progressos reais nas hipóteses de escrita. Contudo, Santos (2025) adverte que a mera disponibilidade de ferramentas não garante sua efetividade - a ausência de articulação entre psicogênese e planejamento compromete a alfabetização com letramento, evidenciando que as estratégias demandam apropriação teórica e intencionalidade pedagógica. Em suma, os estudos convergem ao demonstrar que o diagnóstico, quando integrado ao planejamento por meio de estratégias intencionais, opera uma mudança de paradigma: de protocolo estático para ferramenta dinâmica de mediação. O impacto direto é a transformação do planejamento em ato de autoria docente, respaldado teoricamente e focado na progressão real das aprendizagens.

### **3. Articulação com práticas de letramento**

A literatura revisada consolida que a efetividade do diagnóstico das hipóteses de escrita depende de sua articulação intencional com práticas de letramento significativas. Esta premissa materializa o princípio da indissociabilidade entre alfabetização e letramento (SOARES, 2020), onde a compreensão do sistema de escrita deve articular-se aos usos sociais da linguagem. Ruppel (2024) corrobora esta visão ao demonstrar, a partir de diagnósticos em turmas do 2º ano, que fragilidades na apropriação da escrita são agravadas por fatores socioeconômicos. Como resposta, a autora defende práticas inclusivas como alfabeto móvel, leitura compartilhada e envolvimento familiar que



integram a dimensão conceitual da escrita a contextos socialmente significativos. Esta articulação, contudo, enfrenta o desafio de se materializar em um cenário de políticas públicas ambíguas. A Política Nacional de Alfabetização (PNA), ao enfatizar a "aquisição de habilidades de decodificação" (BRASIL, 2019), pode, na prática observada nos estudos, criar uma falsa dicotomia entre o ensino do código e as práticas de letramento. O estudo de Barros (2019) oferece um contraponto concreto a essa fragmentação: sua pesquisa de campo demonstra que planejar atividades a partir das hipóteses de escrita, considerando a linguagem como prática social, resulta em progressões reais de aprendizagem. Para a autora, este enfoque transforma o diagnóstico em ferramenta para planejar experiências com a linguagem, e não exercícios isolados. O papel do professor como mediador dessa articulação é destacado por Jorge (2023), que identifica nos jogos e brincadeiras um princípio curricular capaz de criar imersão significativa no mundo letrado. Essa perspectiva é sintetizada por Lourenço (2020), para quem o planejamento, quando fundamentado nessa integração, transcende a burocracia e potencializa a aprendizagem em sua dimensão completa. Em resumo, os estudos convergem ao demonstrar que a articulação entre diagnóstico e letramento é o elemento transformador que supera a alfabetização mecânica. Esta síntese efetiva, portanto, pressupõe um docente que utiliza o diagnóstico não para classificar, mas para orquestrar situações de aprendizagem onde o domínio do código e sua utilização social são faces indissociáveis de um mesmo processo.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo, mediante revisão bibliográfica, permitiu confirmar que a teoria psicogenética de Ferreiro e Teberosky mantém-se não apenas atual, mas constitui-se como fundamento científico indispensável para a compreensão da aquisição da escrita. Quando efetivamente apropriada, transcende seu estatuto teórico para converter-se em guia prático e transformador do diagnóstico e do planejamento docente.

A investigação revelou um cenário dicotômico. De um lado, desafios estruturais comprometem a implementação da diagnose: formação docente insuficiente, burocratização da prática e fragmentação das políticas públicas. Estes fatores concorrem para o esvaziamento do potencial pedagógico de uma ferramenta originalmente concebida para orientar o trabalho educativo. De outro lado, emergem estratégias eficazes - agrupamentos produtivos, sequências didáticas fundamentadas, escrita inventada e



articulação com letramento - que, quando derivadas do diagnóstico, demonstram promover progressões significativas nas hipóteses de escrita.

Diante das problemáticas que orientaram a pesquisa, conclui-se que o diagnóstico só impacta verdadeiramente o planejamento quando se converte em bússola para a ação docente. Sua não sistematização resulta em um ensino cego a evidências, baseado em suposições e não nas reais necessidades de aprendizagem da turma. A diagnose, portanto, consolida-se não como protocolo, mas como alicerce para uma prática pedagógica intencional e diferenciada.

Os achados apontam para a urgência de investimento premente na formação continuada de professores, com foco na análise interpretativa de resultados e na elaboração de intervenções planejadas. É estratégico que as políticas educacionais reconheçam a diagnose como eixo estruturante do ciclo de alfabetização, garantindo tempo institucional para análise coletiva e replanejamento. A superação da lacuna entre teoria e prática é condicionada pela criação de condições materiais e formativas que viabilizem a autoria pedagógica fundamentada.

Conclui-se que o diagnóstico das hipóteses de escrita, ancorado na psicogênese, configura mais que uma técnica avaliativa: uma postura epistemológica que respeita a criança como construtora de conhecimento e o professor como mediador especializado. A despeito dos desafios contextuais, sua potência transformadora para redirecionar as práticas de alfabetização e letramento mantém-se inabalável. Cabe aos sistemas de ensino, instituições formadoras e docentes o resgate e fortalecimento dessa prática, assegurando o direito à alfabetização com base em um ensino genuinamente inclusivo, personalizado e significativo.

## REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Rodrigo Lessa. Planejamento pedagógico no Ciclo de Alfabetização: reflexões sobre a Iniciação à Docência e o uso de avaliações diagnósticas e sequências didáticas. **Pedagogia em Ação**, v. 10, n. 1, p. 39-47, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo** São Paulo: Edições 70, 2016.

BARROS, Poliana de Castro. **Alfabetização: conhecimentos necessários à prática docente**. 2019. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário de Miracema, Miracema, TO, 2019.



BARROS, Gabriela Bicalho; GONZAGA, Maria Cristina Almeida Duarte. **Diagnóstico: A Chave para uma Intervenção Adequada ao Processo de Alfabetização**. Ipatinga: Faculdade Anhanguera de Ipatinga, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 14 de maio de 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **PNA Política Nacional de Alfabetização/Secretaria de Alfabetização**. Brasília: MEC, SEALF, 2019. 54 p. Disponível em: [https://portal.mec.gov.br/images/CADERNO\\_PNA\\_FINAL.pdf](https://portal.mec.gov.br/images/CADERNO_PNA_FINAL.pdf). Acesso em: 14 de maio de 2025.

BRASIL. Decreto nº 11.556, de 12 de junho de 2023. **Institui o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada**. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decreto-n-11.556-de-12-de-junho-de-2023-489126833>. Acessado em: 14 de maio de 2025

DA SILVA, Fabrícia Mariano; DA SILVA, Andreia Cristina. A psicogênese da língua escrita: uma análise de suas contribuições ao processo de alfabetização. **REEDUC-Revista de Estudos em Educação (2675-4681)**, v. 6, n. 1, p. 21-32, 2020.

DA ROCHA ALMEIDA, Jennifer Pereira et al. A apropriação do sistema de escrita alfabética: uma abordagem a partir do planejamento e de atividades didáticas em alfabetização e letramento. 2024.

DE FARIA, Izabel Cristina Costa; DO AMARAL RIBEIRO, Amélia Escotto. ALFABETIZAÇÃO NO CENÁRIO BRASILEIRO:(RE) CONFIGURAÇÕES. **Poiésis-Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, v. 18, n. 33, p. 224-241, 2024.

DE ALBUQUERQUE FEIER, Márcia Maria; DE OLIVEIRA TOLEDO, Maria Elena Roman. **A sondagem como instrumento de diagnóstico dos avanços no processo de construção da escrita**. 2016

DUTRA, Gislene Silva. A escrita mediada como atividade de estimulação na apropriação do sistema alfabético. **Revista Psicopedagogia**, v. 37, n. 114, p. 392-403, 2020.

DUTRA, Natália Marcelino et al. **A resignificação dos programas de escrita inventada por professoras alfabetizadoras**. 2024. Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

FERREIRA, Caroline Foggiato; IVO, Andressa Aita; HYPOLITO, Álvaro Luiz Moreira. O PNAIC E AS AVALIAÇÕES EM LARGA ESCALA: estudo sobre as repercussões no trabalho docente. **Revista Teias**, v. 23, n. 69, p. 411-426, 2022.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

GIL, Antonio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, v. 35, p. 57-63, 1995.



JORGE, Anna Carolina Palesi. Um olhar para as práticas a partir das hipóteses de escrita. **Gestão & Educação**, v. 6, n. 01, p. 14 a 24-14 a 24, 2023.

LOURENÇO, Joyce França. O potencial do planejamento docente no processo de alfabetização: em busca do respeito às heterogeneidades. 2020.

MARINHO, Adriétt de Luna Silvino. Diagnóstico da escrita: Para que serve e como interpretá-lo?. **Educação Contemporânea-Volume 10 Avaliação Metodologias**, p. 48.

NORNBERG, Marta; JÄGER, Josiane Jarline; SOUTO, Luiza Kerstner. Concepções e princípios para o planejamento do ensino: a perspectiva de professoras orientadoras de estudo. **Currículo sem Fronteiras**, v. 19, n. 1, p. 335-357, 2019.

RUPPEL, Tabita Vanusa. Dificuldades de aprendizagem na língua escrita: estratégias inclusivas na alfabetização e no letramento. **Cadernos de Pós-Graduação em Letras**, v. 24, n. 3, 2024.

SANTOS, Maria das Graças Amanda Ferreira dos. O trabalho do professor com a psicogênese da língua escrita no processo de alfabetização de alunos do 2º ano do ensino fundamental. 2025.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

